
“Construção de identidades, imagens e expectativas dos jovens em contextos de realojamento”

*Dulce Moura (coord.), Isabel Guerra, Madalena Paiva Gomes,
Ana Guerra, Filipa Lourenço e Filomena Gerardo¹*

I. Construção de identidades, risco e desvio. o discurso dos jovens e das instituições

1. As famílias e as situações de risco de crianças e jovens
2. Os comportamentos desadequados e a resposta da escola: do abandono à violência
3. Os comportamentos e as situações de risco com crianças e jovens
4. O bairro e o realojamento
5. Projectos desenvolvidos nos bairros de realojamento com as crianças/jovens
6. Síntese das opiniões e expectativas das instituições e dos jovens

II. Risco e desvio e suas implicações na gestão dos bairros

1. Enquadramento da intervenção
2. Propostas de intervenção

Breve apresentação

A ‘**violência urbana**’, associada à ‘**delinquência**’ e ‘**insegurança**’, tornou-se um tema recorrente nas discussões actuais sobre a cidade, objecto de colóquios e debates científicos, técnico-profissionais ou políticos. Mas o termo violência urbana, no discurso comum dos dias de hoje, continua a ser um conceito impreciso e variável, por vezes até contraditório, segundo a perspectiva das diferentes categorias profissionais ou institucionais que a abordam (governo, parlamento, juristas, polícia, ...).

A essa ambiguidade e imprecisão semântica e de conteúdo não escapa a **violência protagonizada pelos jovens** e, na ânsia de encontrar um culpado por distúrbios, não se distingue, no discurso mediático ou político, a violência protagonizada por um jovem até aos 13, 14 anos, ou com mais de 25, além de se incluírem, numa mesma classe etária situações muito diferenciadas, comportamentos diversos e motivações por vezes opostas. A realidade estatística dá conta do crescimento da delinquência juvenil, mas não faz a leitura da mudança da sua configuração, motivações, processos, formas de agir e alvos a atingir, e as discussões sobre o jovem que gera distúrbios ou desenvolve actos delinquentes, vítima desestruturada de uma crise urbana mais complexa ou agente consciente das suas próprias representações, tornam-se indissociáveis de uma abordagem complexa e integrada.

Além da estigmatização de uma classe etária abrangente, generaliza-se a **violência juvenil associada a certos territórios, os bairros sociais**, no centro ou na periferia da cidade, e em muitos discursos, um determinado tipo de urbanismo torna-se não uma variável, mas uma determinante da violência urbana.

Os **bairros sociais** estão concentrados em determinadas áreas geográficas da cidade, com características construtivas mais ou menos semelhantes, mas os seus residentes, e nomeadamente os jovens, desenvolvem sociabilidades associadas a diferentes espaços da cidade, o que elimina a possibilidade de vigilância comunitária ou de controle social informal. Neste contexto, os jovens residentes nesses bairros sociais, actores privilegiados de uma nova delinquência de exclusão, são também vítimas de agressões e desenvolvem um sentimento de insegurança em relação ao bairro em que residem e ao resto da cidade.

¹ Centro Estudos Territoriais

Da discussão actual das políticas públicas que podem ser postas em prática contra o crescimento da ‘violência colectiva’, da ‘insegurança urbana’, e sobretudo, da ‘delinquência juvenil’, surgiu o **desafio deste projecto**, relacionado com a própria natureza e finalidade da Gebalis, de gestão de bairros sociais de Lisboa.

O desafio proposto foi a análise do risco, da violência, e da delinquência juvenis nos bairros de realojamento, reinterpretando os discursos, as práticas e as interações dos jovens, os grupos socialmente informais que integram, as trajetórias que desenvolvem, relacionando-os necessariamente com as instituições escola e família, de forma a perceber as lógicas de produção dos comportamentos ‘violentos’. O objectivo final é perceber o sentido das políticas públicas capazes de intervir eficazmente nos factores que estão na origem e no desenvolvimento dessas situações e a pertinência deste projecto fundamenta-se na necessidade de configurar estratégias de intervenção e actuação eficazes, face à população jovem dos bairros de realojamento.

Para cumprir os objectivos propostos, tornou-se necessário restringir o número de bairros sociais da Gebalis analisados, tendo sido aprovado em reuniões da Gebalis, a análise a partir de jovens residentes sobretudo nos Bairros da Horta Nova, Casal dos Machados e Armador. Embora o projecto não tenha qualquer vínculo apenas a estes bairros, os mesmos foram seleccionados como ponto de partida por se tratar de bairros complexos (imagem e dinâmicas de conflitualidade), por terem sofrido o processo de realojamento em anos diferentes e pela diversidade da sua composição social e étnica. Contudo, na fase das entrevistas aprofundadas a jovens não existiu uma necessária vinculação a estes três bairros, e enquanto as entrevistas colectivas decorreram no Bairro do Armador e Casal dos Machados, as entrevistas individuais realizaram-se sobretudo neste último bairro, assim como no Bairro Padre Cruz e Olivais, onde residiam as crianças/jovens com o perfil que se pretendia aprofundar e escolas com projectos educativos diferenciados.

Objectivos gerais e específicos

Os **dois objectivos gerais** desenvolvidos neste projecto, foram:

1. Conhecer os **factores que propiciam o desenvolvimento de situações/comportamentos de risco, ou de marginalidade social**, em crianças/jovens (individualmente e/ou em grupo), residentes em bairros sociais (com diversos modelos de realojamento);
2. Identificar potenciais **factores propiciadores de inclusão social**, passíveis de serem accionados por estruturas como a Gebalis, num trabalho continuado com crianças/jovens, em situação de risco, marginalidade e/ou delinquência.

Para a operacionalização dos objectivos gerais foram definidos alguns **objectivos específicos**:

1. **Identificação e conhecimento das crianças/jovens** que são reconhecidos pela comunidade local, nomeadamente por instituições de carácter escolar, judicial, policial, etc., como crianças/jovens e famílias com comportamentos e/ou percursos de risco, ou sendo detentores de um comportamento socialmente marginal e agressivo;
2. Percepção dos **factores de construção da sua identidade pessoal e social, percebendo ainda os tempos e os modos de inclusão/exclusão social que foram atravessando**;
3. **Avaliação das práticas destes jovens**, tentando entender os seus comportamentos de risco e/ou ‘desviantes’, as práticas que os caracterizam e os alvos da sua violência;
4. Sentido social atribuído pelos jovens às práticas de marginalidade que protagonizam (individualmente ou em grupo), auto-avaliação dos seus percursos biográficos e projectos face ao futuro (construção de projectos de vida);

5. Identificação e análise de projectos familiares e educativos, determinantes na criação de estratégias de demarcação ou estratégias de integração da criança/jovem; identificação dos espaços de possibilidade de reintegração dessas crianças/jovens nas estruturas sociais (família, escola, formação, emprego,...), de forma a favorecer a sua inclusão social.

Percurso metodológico

Tendo como metodologia central entrevistas “qualitativas” e biográficas com jovens, o projecto desenvolve diferentes momentos metodológicos:

1. **Levantamento bibliográfico e documental num enquadramento teórico e conceptual do projecto**, com recolha de informação empírica sobre juventude risco e delinquência e **levantamento de alguma caracterização social e demográfica dos bairros de realojamento de Lisboa**, a partir de projectos anteriormente desenvolvidos.
2. **Entrevistas a instituições locais ou centrais** (organismos regionais e locais, associações, escolas), possuidores de um conhecimento empírico das dinâmicas sociais locais e dos factores reais que enformam a construção da identidade pessoal e social das crianças/jovens, objecto da presente análise.
3. **Entrevistas colectivas** a alguns dos grupos de jovens residentes em bairros de realojamento.
4. **Entrevistas individuais** a alguns jovens residentes em bairros de realojamento.

Entrevistas a actores institucionais privilegiados

A realização de entrevistas a actores locais ou de instituições centrais com uma intervenção nos bairros de realojamento, foi o meio utilizado para traçar o perfil inicial dos bairros no que se refere ao seu grupo jovem. As entrevistas foram construídas e desenvolvidas de modo a poder proceder-se posteriormente a uma aproximação a grupos de crianças/jovens para as entrevistas individuais a jovens em trajectória de risco e/ou exclusão.

Face à multiplicidade de actores com intervenção nos bairros, e ao conhecimento que detêm da problemática desenvolvida pelo presente projecto, realizaram-se 22 entrevistas a actores institucionais privilegiados, estruturas, organismos e pessoas, com objectivos e acções directas ou indirectas nos bairros com crianças/jovens.

Podemos ainda referenciar entrevistas a alguns jovens privilegiados, pelo papel que detêm no bairro, por exemplo um jovem organizador de uma associação desportiva informal, só com crianças do bairro; um jovem que pretendeu criar uma associação de jovens para tentar resolver os problemas da violência; duas raparigas que organizaram e mantêm uma escola de dança que faz espectáculos; um jovem que pertence a um grupo de “breakdance”.

Entrevistas a grupos de jovens

Após essas entrevistas reuniram-se vários grupos de crianças/jovens para entrevistas colectivas, de 8 a 10 elementos, identificados segundo critérios diversificados e com perfis diferenciados: grupos de rapazes, raparigas, grupos de amigos, grupos ligados a determinadas actividades desportivas ou culturais. As entrevistas colectivas desenvolveram-se com cerca de 40 jovens.

Entrevistas a jovens

A partir das entrevistas exploratórias (individuais e colectivas) pediu-se aos entrevistados que seleccionassem um perfil dos jovens com base na temática do projecto, nos seus objectivos e em critérios fundamentais.

Assim, nesta segunda fase do projecto realizaram-se 23 entrevistas a crianças/jovens, entre os 10 e 19 anos de idade, em situação de insucesso ou abandono escolar, com problemas de violência em família, na escola ou no bairro (por exemplo, agressão por parte dos pais, agressão face a colegas da escola, pequenos furtos, discussões no bairro, etc.), e muitas vezes identificados por se encontrarem directamente envolvidos em conflitos locais, ou por integrarem grupos problemáticos dentro e fora do bairro.

Procurámos ainda fazer uma segunda entrevista com alguns dos jovens que na primeira fase tínhamos entrevistado colectivamente, enquanto protagonistas de percursos “positivos” no bairro:

- um jovem que organizou um grupo informal de desporto, com dezenas de crianças e jovens do Casal dos Machados;
- duas jovens que residem no Bairro do Armador e dão aulas de dança numa associação local, por iniciativa das duas que organizaram dois grupos de dança, 1 de mais pequenos e outro de jovens com mais de 17, 18 anos, fazem ainda festas no bairro e excursões;
- um jovem que procurou organizar um grupo de jovens para discussão dos problemas que sentiam, organização de festas, excursões, queixando-se frequentemente de não ter apoio de outros jovens do bairro embora fosse clara a sua influência junto dos jovens que circulavam pelo bairro (paravam, cumprimentavam-no, acenavam-lhe);
- um jovem residente na Zona J de Chelas (Entrevista 27) que possui um grupo de break, ligado ao movimento hip hop.